

CELEBRIDADES TERRIVELMENTE FELIZES

Francisco Vieira da Silva*

RESUMO: *O presente artigo objetiva, a partir da análise de notícias veiculadas no site Ego, investigar a constituição do sujeito celebridade na articulação com os discursos em torno da felicidade. Concebemos a produção discursiva sobre a felicidade como o fio histórico (MILANEZ, 2014) que alinhava as materialidades a serem analisadas posteriormente. Para este artigo, estudamos seis notícias publicadas no site Ego, no ano de 2014. As análises demonstram que a felicidade, cujas formas de enunciar atrelam-se a outros discursos, a exemplo do discurso da superação e do culto ao corpo, representa uma condição peremptória para a constituição de uma rede de discursos acerca da vida privada das celebridades na mídia digital.*

PALAVRAS-CHAVE: *Felicidade, celebridade, mídia digital.*

ABSTRACT: *In this article, from the news analysis conveyed in Ego site, investigate the constitution of the subject celebrity in conjunction with the discourses around happiness. We conceive the discursive production about happiness as the historical thread (MILANEZ, 2014) that lined the material issues to be analyzed later. For this article, we studied six articles published on the site Ego, in the year 2014. The analysis shows that happiness, whose forms to state are closely linked to other discourses, such as the discourse of resilience and the cult of the body, represents a peremptory condition for the establishment of a network of speeches about the private lives of celebrities in digital media.*

KEYWORDS: *Happiness, celebrity, digital media.*

Coro: Olhe sempre o último dia. Não considere nenhum mortal feliz até que ele tenha morrido. (Sófocles, sec. V a.C).

Por que é que, para ser feliz, é preciso não sabê-lo? (Fernando Pessoa)

Se você quer ser feliz, tente
Felicidade pode ser só ilusão

* Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor Adjunto I da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus de Caraúbas, Rio Grande do Norte.

Mas o coração não mente (Zeca Baleiro)

10 maneiras simples de ser feliz todos os dias! O primeiro passo é cuidar bem de si mesmo (Revista PEGN, 11/06/2004).

INTRODUÇÃO

As epígrafes deste artigo não apontam para a busca em torno da definição da noção de felicidade; ao contrário disso, problematizam a complexidade desse conceito, como de fato o é. Nessa ótica, ser feliz, na costura descontínua da história e, mais especialmente, nos dias de hoje, envolve uma série de práticas, discursos, saberes e poderes, bastante heterogêneos e, em certo ponto, inconciliáveis – daí a referência, no título, à obra *Famílias terrivelmente felizes*, de Marçal Aquino, cuja confusão semântica explícita a antinomia entre os sentidos do advérbio e o adjetivo.

Para exemplificar a profusão de discursos sobre a felicidade, vale registrar que uma busca em *sites* de revistas de circulação nacional gerou uma gama de resultados, os quais se caracterizam pela diversidade de práticas a que a felicidade se atrela na contemporaneidade. Esse inventário desconsiderou, por exemplo, portais de notícias, *blogs* e inúmeros outros tipos de *sites* existentes na *web*. Se acrescentássemos esses *sites*, bem como os títulos do filão da autoajuda disponíveis no mercado e o apelo à felicidade em variados textos publicitários (CARVALHO, 2010),

poderíamos constatar uma explosão discursiva em torno da felicidade, tomando como ponto de observação algumas instâncias midiáticas.

Nesse sentido, podemos assegurar que a produção discursiva em torno da felicidade engloba uma série de práticas, saberes e poderes na constituição das subjetividades contemporâneas. Ancorando-se nessas constatações, o presente artigo objetiva, a partir da análise de notícias veiculadas no *site* Ego, investigar a constituição do sujeito celebridade na articulação com os discursos em torno da felicidade. As reflexões contidas neste texto são provenientes dos resultados preliminares de nossa tese de doutoramento, na qual buscamos analisar os discursos acerca da intimidade do sujeito celebridade no *site* Ego. A relação entre a celebridade e a menção ao discurso da felicidade constitui um dos tópicos de nossa pesquisa. Apostamos, em nosso trabalho, na possibilidade de estudarmos os discursos sobre a vida íntima do sujeito celebridade, cotejando com as condições de emergência que permitem a aparição desses discursos, nos dias de hoje.

Assim, tanto no que se refere ao amor, à sexualidade, quanto à família, outros tópicos de nossa tese, pode-se entrever a constituição do sujeito celebridade envolta pelo discurso da felicidade, pela premência em ser feliz, no movimento de publicização e/ou espetacularização da intimidade. Concebemos a produção discursiva sobre a felicidade como o fio histórico (MILANEZ, 2014) que alinhava as materialidades a serem analisadas posteriormente. Para este artigo, estudaremos seis notícias publicadas no *site* Ego, no ano de 2014.

Nossa pesquisa e, por corolário, este artigo inscrevem-se no interior da Análise do Discurso, especialmente nas ressonâncias advindas das teorizações de Michel Foucault (2010) para essa vertente teórica. Desse autor, mobilizamos, principalmente, os conceitos de discurso, enunciado e arquivo, noções basilares do método arqueológico foucaultiano. Além disso, com vistas à historicizar o discurso da felicidade, valemo-nos dos postulados teóricos de autores que investigam esse fenômeno, a exemplo de McMahon (2006), França (2010) e Freire Filho (2010), dentre outros.

O presente artigo encontra-se estruturado em quatro seções, além desses comentários introdutórios. Na seção seguinte, tratamos de discutir alguns conceitos da arqueologia foucaultiana; em seguida, vislumbramos rastrear as condições históricas que fazem irromper os discursos sobre a felicidade na atualidade. Na seção seguinte, analisamos as notícias veiculadas no site *Ego*, as quais vão articular a constituição do sujeito celebridade com os discursos e práticas concernentes à felicidade. Finalmente, na última seção, sintetizamos alguns dos aspectos discutidos ao longo do texto, com vistas a propor um fechamento, ainda que provisório, das ideias aqui desenvolvidas.

UMA IMERSÃO NA ARQUEOLOGIA FOUCAULTIANA

Várias concepções foucaultianas são mobilizadas frequentemente para a análise de diferentes materialidades na AD, com ênfase nas noções presentes na *Arqueologia do Saber*, obra de caráter teórico-metodológico,

na qual o autor se propõe a escrever uma espécie de *teoria* para uma *história* do saber empírico (FOUCAULT, 2008).

Dessa obra, emerge o conceito de discurso, concebido como um conjunto de enunciados que provém de uma mesma formação discursiva. A partir dessa definição, o autor preocupa-se em estabelecer as características do enunciado, isto é, a unidade, o átomo do discurso; em linhas gerais, as leituras foucaultianas irão apontar que uma análise enunciativa deve procurar apreender os enunciados em sua *exterioridade*, levando em conta seu caráter de dispersão e de descontinuidade no discurso (FERNANDES, 2007). Isso pressupõe considerar o discurso como uma série de acontecimentos discursivos (FOUCAULT, 2006), de maneira que urge estabelecer a relação que tais acontecimentos mantêm com outros numa rede discursiva.

Sobre o enunciado, Foucault (2010) explicita, num primeiro momento, que ele difere da frase, da proposição e do ato de fala, pelas seguintes condições: i) está na dimensão do discurso; ii) não está submetido a uma estrutura canônica típica da frase; iii) não revela as intenções do sujeito que o efetua, conforme preconiza a teoria dos atos de fala. Além disso, o enunciado em Foucault é compreendido como uma função, que suporta: i) *um princípio de diferenciação* que “circunscreve o objeto do qual se fala” (NAVARRO, 2008, p.65); ii) *uma posição de sujeito* – para enunciar, o sujeito ocupa uma posição no seio de uma dada prática discursiva, concebida como um conjunto de regras anônimas, históricas, determinadas no tempo e no espaço, que postulam as condições de

exercício na função enunciativa.; iii) *campo associado* – o enunciado inscreve-se numa rede de formulações que o sucedem e o antecedem, o que supõe o funcionamento de uma memória.; iv) *materialidade repetível* – embora haja uma materialidade repetível, o enunciado sempre pode tornar-se outro (cf. PÊCHEUX, 2006). Ademais, o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data (2010), a fim de que possa constituir-se como tal.

Na caracterização da função enunciativa, Foucault (2010) nos fala que o enunciado segue alguns princípios, a saber: i) *princípio da rarefação* (raridade) – nem tudo pode ser dito e nem tudo que é efetivamente dito reverbera *indefinidamente* (FOUCAULT, 2009), de modo que a análise enunciativa deve radiografar a posição singular que o enunciado ocupa no interior de um regime de dispersão. Pensando no enunciado das notícias de *Ego*, foco da análise expressa posteriormente, convém problematizar a sua emergência numa rede de outros enunciados possíveis de serem revisitados; ii) *exterioridade* – o enunciado precisa ser concebido no conjunto das coisas ditas, das relações, no intuito de apreender sua própria irrupção no lugar e no momento em que se produziu, para reencontrar sua incidência de acontecimento.

Assim, o surgimento desse enunciado e não de outro em seu lugar imbrica-se às condições sócio-históricas em que é candente a exposição da vida íntima na mídia; iii) *acúmulo* – atrela-se aos modos através dos quais os enunciados podem ser retomados, esquecidos, conservados; *last but not*

least, a *iv*) *positividade* – define a unidade do enunciado através do tempo, relacionando-o com o arquivo de um determinado momento histórico.

Essas últimas propriedades da função enunciativa acenam diretamente para o conceito de *arquivo*. Para Foucault (2008b), o arquivo não condensa a totalidade de textos que foram conservados por uma civilização, mas antes constitui as regras que, numa dada cultura, determinam a emergência e o desaparecimento de enunciados. A *arqueologia*, num sentido foucaultiano, constitui-se numa descrição que interroga o já-dito, na medida em que investiga os discursos como práticas específicas no elemento do arquivo. Nessa perspectiva, o arquivo, em sintonia com a noção de descontinuidade, incide sobre a constituição e organização dos *corpora* (SARGENTINI, 2004), uma vez que se passa a encarar os discursos como práticas inscritas, não numa perspectiva linear, mas num regime descontínuo, nas bordas da história.

O arquivo mobiliza uma memória, na medida em que faz com que inúmeros dizeres oriundos dos recônditos da história não sejam esquecidos, senão rememorados e ressignificados e que dizeres mais recentes se desmantelem com o passar do tempo. Ademais, o arquivo constitui a um só tempo a garantia da memória e é por ela garantido (CORACINI, 2007); desse modo, é possível entrever as marcas de uma simbiose entre essas duas noções. Essa concepção de memória não deve ser confundida com a psicológica, individual, pois se trata de uma memória cultural responsável pela inserção dos discursos no âmbito de uma historicidade.

A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DA FELICIDADE

Antes de procedermos às análises, torna-se pertinente tecer algumas (breves!) considerações a respeito dos discursos sobre a felicidade, aqui enfocados num viés genealógico, o que redundará em rastreamos as condições históricas responsáveis pela emergência da felicidade como uma exigência, uma condição *sine qua non* para a constituição das subjetividades hodiernas. De acordo com Binkley (2010), a felicidade passou de um atributo do temperamento comportamental para adquirir o estatuto de um objeto com campo bem-delimitado, mensurável e acionável. Nessa lógica, a felicidade entra na composição de projetos políticos, culturais; na consecução de uma “ciência da felicidade”; na proposição de uma miríade de técnicas responsáveis por propagar uma busca irrefreável pela vida feliz.

A título de ilustração, podemos citar o fato de Butão ser o primeiro país do mundo a considerar a felicidade como um indicador social, a partir da criação de um Produto de Felicidade Interna (FIB), baseado em índices concernentes ao bem-estar, cultura, ecologia, educação, dentre outros aspectos, os quais quantificam o nível de felicidade do país. Acompanhando essa tendência biopolítica em torno da felicidade, a ONU (Organização das Nações Unidas) empreende, desde 2005, estudos de dimensões continentais, com vistas a medir o índice de felicidade em boa parte das nações do globo e, posteriormente, criar um *ranking* dos países mais felizes do mundo. Os dados obtidos nestas pesquisas podem servir de

norte para a elaboração de políticas públicas voltadas ao bem-estar das populações, tendo como bússola a natureza tangível e quantificada da felicidade.

No cenário brasileiro, ações semelhantes podem ser citadas. Prova disso é Proposta de Emenda Constitucional (PEC 19/10), do senador Cristovam Buarque (PDT-DF), cujo objetivo, em linhas gerais, é direcionar os direitos sociais para a efetivação da felicidade individual e coletiva. Vulgarmente intitulada de “PEC da Felicidade”, a referida proposta tramita na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC), da Câmara dos Deputados. Essa mobilização no âmbito político delinea determinados modos de dizibilidade e visibilidade do discurso da felicidade, de forma a inscrever essa questão como resposta a uma urgência histórica – a ânsia em ser feliz hoje.

Todas essas atuais facetas da felicidade contrastam de modo fulcral das reflexões acerca desta ideia na Antiguidade. Conforme historiciza McMahon (2006), na concepção de Heródoto e de seus contemporâneos, a felicidade não é um sentimento, nem estado subjetivo, mas “é a caracterização de uma vida inteira e só pode ser determinada com a morte” (McMAHON, 2006, p.23). Nessa lógica, as alegrias pontuais e efêmeras constituem um engodo, pois o destino reservou aos homens o incessante padecimento e o tédio. Para os gregos, somente aos deuses era facultado o direito à felicidade, cabendo aos homens resignar-se na sua condição subalterna até o término dos seus dias, consoante preconiza Sófocles numa das epígrafes desta seção. No âmbito da fé cristã, a felicidade é relegada a

um plano superior, extraterreno, de modo que é aceitável ou mesmo necessário aceitar o sofrimento, como um requisito para um bem-estar eterno (cf. FRANÇA, 2010). Como pensamos a história, tal como Foucault a concebeu, cheia de furos como um queijo suíço (STRATHERN, 2003), torna-se indisfarçável atentarmos para as ressonâncias dessa constituição da felicidade no pensamento filosófico de autores de um momento histórico bem posterior, como Schopenhauer e Nietzsche. Ao retomar outros autores marcados por um viés pessimista, Nietzsche (2000, p.6) assinala: “Em todos os tempos os grandes sábios sempre fizeram o mesmo juízo sobre a vida: ela não vale nada... Sempre e por toda parte se escutou o mesmo tom saindo de suas bocas. Um tom cheio de melancolia, cheio de cansaço da vida, um tom plenamente contrafeito a ela”.

Na visão destes últimos, comumente associados a um pessimismo filosófico, é possível verificar o descrédito na possibilidade efetiva de uma felicidade completa e infinita ou, nos termos de Bruckner (2002), de uma *euforia perpétua*. Na leitura de Freire Filho (2010), Schopenhauer compara a vida a um pêndulo que oscila entre o sofrimento e o aborrecimento. Nesse movimento, é necessário encontrar formas de escapar do fardo da existência “[...] entregando-se às múltiplas formas de passar o tempo que nomeamos, com crescente simpatia, de *entretenimento* [...]” (FREIRE FILHO, 2010, p.53, grifo do autor). Imprescindível levar em conta que os enunciados que relativizam o estatuto permanente da felicidade inserem-se no cerne de uma remanência que lhe é própria (FOUCAULT, 2010), ou seja, esses enunciados acumulam-se graças a uma série de suportes e de

técnicas materiais (os livros de Filosofia), certos tipos de instituições (a academia, por exemplo), dentre outras formas de conservação, a partir das quais é possível constatar a aparição destes enunciados nos dias de hoje, a despeito das modificações encetadas nos últimos tempos. Assim, essa atmosfera sombria e angustiante, referendada nas elucubrações desses filósofos, entra em colapso na formação histórica atual, em função, dentre outros fatores, de saberes provenientes da tecnociência e da psicologia positiva (FREIRE FILHO, 2010).

Com vistas a distanciar-se da obscuridade e do sofrimento constitutivos da construção de si no seio da psicologia tradicional, a psicologia positiva centra o foco sobre a busca pela felicidade como um bem maior, o que implica em desvincular-se de pensamentos negativos e desejos opressores. A felicidade, neste caso, insere-se no domínio do sujeito, sendo este o principal responsável por ser feliz ou não. Para a psicologia positiva, ser feliz constitui uma ambição individual e uma obrigação social valorosa. Na última epígrafe deste texto, subiste um discurso de incitação à felicidade, na qual se interpela o sujeito a “ser feliz todos os dias”, a partir de um cuidado do sujeito consigo mesmo. No funcionamento dos discursos midiáticos, observa-se amiúde a aparição de vários enunciados que denotam receitas milagrosas, truques infalíveis, dicas fatais, a fim de compor um manual da vida feliz.

Arriscaríamos postular que, na esteira da sociedade de controle (DELEUZE, 2006), a existência de um mercado da felicidade, não somente no sentido de uma felicidade relacionada a um objeto de consumo, mas,

principalmente, a certa cotação, na qual os sujeitos ostentam e disputam seus índices de felicidade. Assim, “[...] a sociedade de controle é, no fundo, uma tentativa realização desse grande ideal de felicidade no qual todos devem crer ou, pelo menos, se comportarem como se ele acreditassem” (HARA, 2012, p.161). No paradigma do espetáculo, as redes sociais constituem um prolífico canal midiático, a partir do qual os sujeitos, aqui pensamos na celebridade, podem exhibir, em materialidades discursivas diversas, enunciados relativos ao discurso da felicidade.

Além disso, na constituição discursiva do sujeito celebridade, vale reiterar o funcionamento de uma rede enunciativo-midiática em que a vida da celebridade representa um prototípico de uma vida feliz. Pensemos, por exemplo, nos discursos provenientes de publicações impressas como a revista *Caras*, cujas capas espetacularizam a existência aprazível das celebridades. Em ilhas paradisíacas, casarões requintados, chácaras e outros espaços glamorosos, as celebridades emolduram subjetividades-luxo (ROLNIK, 1997), com vistas a atrair o olhar desejante do sujeito leitor, exibindo, pois, o espetáculo dos que encarnam a plenitude da vida (LIPOVETSKY, 2007). Nessa lógica, as celebridades parecem performativizar a ideia de felicidade aliada à sorte, fortuna ou destino, conforme preconiza a etimologia da palavra. De acordo com McMahon (2006), em diversos idiomas, a palavra felicidade, insinua diacronicamente a acepção de fortuna, boa sorte e correlatos. Em suma, ser famoso, no cerne de uma sociedade espetacular, já justificaria um estado permanente de satisfação, embora as celebridades, não raro, tenham suas imagens

atreladas a crises de depressão e a problemas de temperamento, por exemplo.

CELEBRIDADES FELIZES: UM PLEONASMO?

Nas sequências discursivas a seguir, verificam-se, na espetacularização da intimidade do sujeito celebridade, efeitos de sentido que nos remetem à concretização de uma existência feliz. Fizemos um recorte de algumas notícias veiculadas pelo *site Ego*, a fim de pensarmos a constituição do discurso da felicidade no entroncamento com a exibição de si conclamada na cultura do espetáculo.

(1)

Adriane Galisteu curte folga na Bahia de biquini: 'Feliz'

Adriane Galisteu mostrou o corpo sequinho em uma foto postada em seu perfil no Instagram nesta sexta-feira, 26. Na imagem, ela aparece de biquíni e chapéu na Bahia. "Porque estou feliz #praiaoforte #ferias #amor", escreveu ela na legenda do registro. "Perfeita", "Maravilhosa" e "Divando muito" foram apenas alguns dos elogios que os seguidores da apresentadora postaram ao verem a foto (Ego, 26/12/2014).

Figura 1: Instagram de Adriane Galisteu

(2)

Karina Bacchi mostra barriga sarada e tira onda: 'Estou feliz'

A apresentadora publicou foto no Instagram e respondeu as críticas de que está muito forte.

Karina Bacchi parece não estar se importando com as críticas a seu corpo. Nesta quinta-feira, 16, a apresentadora publicou foto em que mostra sua barriga sarada e mandou recado para quem critica seu corpo. "Fotinho de agora. E se alguém acha

que estou forte demais, gorda de menos ou sei lá o quê. Eu canto: lalalalalá estou feliz, estou feliz", disse ela na legenda. (Ego, 16/12/2014).

Figura 2: Instagram de Karina Bacchi

Ao falar da formação dos objetos de discurso, Foucault ([1969] 2010a) ressalta o funcionamento das grades de especificação. Segundo o autor, esse nível da análise enunciativa deve dar conta de perscrutar os elementos que permitem a classificação, a associação e o reagrupamento dos objetos de discurso. Nesse sentido, interessa-nos, neste tópico, analisar o discurso da felicidade, o que implica tomarmos a *felicidade* como um objeto discursivo. Dessa feita, pensamos nos modos através dos quais esse objeto relaciona-se com outros objetos de discurso. No caso das notícias acima, torna-se imperioso atentar para o fato de o estado de felicidade, em que se encontram as celebridades, confluir com objetos de discurso relativos a um culto do corpo em forma. Com efeito, essa associação constitui uma regularidade nos discursos sobre a intimidade no *site* Ego. Noutros termos, a celebridade espetaculariza uma vida feliz, através da necessidade de mostrar o corpo malhado, “sequinho”, exibido em trajes minúsculos.

Tal necessidade ancora, a nosso ver, o fato de a atriz Karina precisar responder a já-ditos (“mandou um recado”), a especulações em torno de seu corpo e, por conta disso, abafar possíveis comentários mordazes a respeito de sua forma física. A reiteração do enunciado “estou feliz”, na legenda da fotografia no *Instagram*, visa a desfazer possíveis discursos, veiculados noutros veículos midiáticos, por exemplo, nos quais a atriz

poderia estar sendo associada a uma certa insatisfação no que se refere à moral da boa forma. Dessa postagem de Karina Bacchi, bem como da de Adriane Galisteu, na notícia anterior, corroboram uma associação da felicidade com o discurso acerca do bem-estar físico (leia-se estar com o corpo em forma, segundo a moral do culto ao corpo).

Imprescindível atentar para a posição do sujeito que enuncia em *Ego*. O sujeito-jornalista coleta, dentre tantos perfis de famosos nas redes sociais, determinadas postagens, em detrimento de uma série de outras, cotidianamente veiculadas na *web*. Eis o princípio da raridade enunciativa, de que fala Foucault (2010). Isso nos impulsiona direcionarmos nosso olhar para o aspecto singular que norteia a emergência desse discurso. Toda a discussão que outrora realizamos a respeito do funcionamento e remanência do discurso da felicidade aplica-se às notícias anteriormente explicitadas. Assim, tanto a notícia acerca da felicidade de Adriane Galisteu, nas férias, bem como os efeitos de sentido de um permanente contentamento de Karina Bacchi na relação com o corpo, estão em conformidade com a lógica responsável pela consecução de uma felicidade compulsória, sobre a qual tecemos algumas considerações. Para Costa (2014, p.16): “Estamos compelidos a desejar mais, obrigados a ser ou parecer felizes e exitosos, a mostrar-nos sempre triunfantes, com ‘atitude’. ‘Just do it’ é a atual fórmula do êxito, o qual implica um treinamento complexo”.

No plano imagético, convém considerarmos um sinal, um índice (GINZBURG, 1990), considerado óbvio ou despercebido. No entanto, a

posição de analista do discurso nos impele a desconfiar das obviedades. Trata-se, pois, do sorriso: componente onipresente nas fotografias do sujeito celebridade, principalmente das postagens nas redes sociais, em que tal sujeito continuamente escancara seu cotidiano. Se num domínio de memória, atrelamos o ato de se fotografar a um sorriso, muitas vezes, forçado, intrínseco (vide o enunciado “Diga x”), podemos depreender que há uma relação, do ponto de vista de uma certa ordem do olhar, do sorriso nas fotografia com um modelo prototípico de felicidade. Quando associamos essa memória da imagem com as peculiaridades do sujeito celebridade, numa formação histórica marcada pela hiperexibição, essa relação é dada a ver de maneira justificável e condizente com a produção de discursos sobre si na mídia.

Essa exibição de si, conforme estamos considerando aqui, está congenitamente aliada à publicização da intimidade. Sobre esse ponto, convém propor um parêntese: estamos concebendo também como no interior da vida privada, logo, da intimidade, uma série heterogênea de práticas e discursos, os quais, em potencial, não dizem respeito ao âmbito das relações públicas. Endossando esse raciocínio, acreditamos que a chamada rotina, isto é, as ações cotidianas e ordinárias do sujeito, inserem-se no cerne dessa intimidade redimensionada, de acordo com que estamos defendendo.

Dando continuidade às análises, vejamos as sequências discursivas a seguir:

(3)

'Estou feliz', diz Marina Ruy Barbosa sobre namoro com empresário

Simpática, atriz tirou fotos com fãs durante premiação na noite desta terça-feira, 11, em São Paulo.

A atriz foi simpática com os fãs que a cercaram e tirou diversas fotos pacientemente. Em conversa com o EGO, ela falou como está o namoro com o empresário Caio Nabuco.

"Está bem tudo bem, estou feliz", disse ela que afirmou entender a curiosidade do público em sua vida pessoal: "É normal, é óbvio que as pessoas têm curiosidade, até por conta da repercussão da minha personagem em 'Império'. Eu entendo. É um carinho". (Ego, 11/11/2014).

(4)

Ana Hickmann posa com marido e filho: 'Momentos que me fazem feliz!'

Apresentadora aparece em montagem com o marido, o empresário Alexandre Corrêa, e o filho do casal, que acaba de completar 4 meses.

Ana Hickmann não esconde de ninguém a felicidade e realização desde o nascimento do primeiro filho com o empresário Alexandre Corrêa, que deu seu nome ao filho. Nesta terça, 22, a apresentadora publicou no Instagram uma montagem de fotos em família, onde o pequeno Alexandre, de 4 meses, aparece com os papais.

"Bom dia!!! São momentos assim que me fazem cada dia mais feliz!", escreveu ela. (Ego, 22/07/2014).

Figura 3: Instagram de Ana Hickmann

Em ambas as notícias, a felicidade do sujeito celebridade vincula-se ao campo da vida amorosa e da família. Assim, na primeira notícia, a confissão extraída da atriz Marina Ruy Barbosa engendra efeitos de sentido acerca de seu relacionamento amoroso, adequando à necessidade de ser feliz em todos os aspectos da vida do sujeito, principalmente no que tange ao amor. Para completar, a atriz ainda se filia a uma posição sujeito que concebe com naturalidade a vontade de saber do público em relação à

privacidade do sujeito celebridade, na contramão de uma série de discursos que entendem a curiosidade do público para com a intimidade dos famosos como sendo uma prática invasiva e impertinente. Os sentidos da postagem da atriz, consoante defende Pêcheux (1988), não estão nas palavras, mas na posição do sujeito que enuncia. A confissão da atriz corrobora um modo de constituição do sujeito celebridade, qual seja: a urgência em dizer-se, mostrar-se, falar de si, exibir aspectos da privacidade, continuamente performativizada no discurso midiático. A felicidade publicizada e individual constitui um índice do aspecto contínuo, flexível e permeável do dentro-fora, do público e do privado (cf. FERRAZ, 2001).

A segunda notícia, por seu turno, elucida, a partir da postagem de Ana Hickmann no *Instagram*, a construção de sentidos de uma família feliz. A composição de enquadres verbo-visuais e a aparente homologia entre o texto verbal e as fotografias da família, com ênfase no bebê, assinalam a natureza espetacular da vida íntima do sujeito celebridade. Este, em diferentes veículos da mídia e utilizando estratégias discursivas também diversas, discursivizam vários momentos de sua privacidade, encenando-os ante uma plateia de seguidores/espectadores. Convém frisar, pois, que nas duas notícias a construção da felicidade como um objeto de discurso associa-se a discursos relativos ao amor e à família do sujeito celebridade. Além disso, no discurso de Hickmann, a felicidade é construída a partir de uma gradação, conforme se verifica na passagem: “São esses momentos que me fazem cada dia mais feliz”, por meio do operador argumentativo *mais*.

A felicidade, nas notícias publicadas em *Ego*, também se articula a um outro discurso, qual seja: o discurso da superação. Em diversas notícias, é possível constatar uma regularidade em que o sujeito celebridade confessa ter superado os mais variados problemas, de modo a subjetivar-se como sujeitos felizes, uma vez que foi necessário fazer um trabalho sobre si, com vistas a alcançar um estágio de contentamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ordem é ser feliz
Por toda a eternidade
Feito prisão perpétua
Entre sorrisos falsos e amenidades
(Leoni)

Nesse artigo, propomos investigar a constituição do sujeito celebridade no discurso da/na mídia digital. Para especificarmos tal discussão, vislumbramos a possibilidade de articularmos a irrupção de vários discursos sobre as celebridades na *web* na articulação com o que denominamos de discurso da felicidade. A recorrência com que as celebridades ostentam suas existências na *web*, marcadas prioritariamente por efeitos de sentido relativos a um estado ininterrupto de contentamento e satisfação no cerne das subjetividade-luxo (ROLNIK, 1997) que exibem, chamou-nos a atenção. Ao tomarmos as notícias que circulam no *site Ego* como um material sobre o qual direcionamos um tratamento discursivo, a partir das proposições foucaultianas, foi possível demonstrar que, na

medida em que tais notícias estão numa relação de confluência com os perfis das celebridades nas redes sociais, acabam por tornar noticiável a vida feliz desses sujeitos. Nesse ínterim, a emergência desses discursos insere-se no interior de um arquivo (FOUCAULT, 2010), em que se pode constatar uma variedade de práticas e saberes responsáveis por discursivizar a felicidade nos dias de hoje.

Foi possível, a partir do momento em que pensamos a exterioridade dos enunciados na composição dos discursos como elementos de um arquivo, erigido num momento histórico específico, conceber a felicidade, cujas formas de enunciar atrelam-se a outros discursos, a exemplo do discurso da superação e do culto ao corpo, como uma condição peremptória para a constituição de uma rede de discursos acerca da vida privada das celebridades e, ampliando esse escopo, para a constituição de sujeitos usuários das tecnologias digitais e redes de interconexão sociais, pois, para ser feliz, é preciso ser visto no âmbito do exibicionismo que a mídia digital convoca.

REFERÊNCIAS

BALEIRO, Z. *Felicidade pode ser qualquer coisa*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/zeca-baleiro/felicidade-pode-ser-qualquer-coisa/>>. Acesso em: 05.jan. 2015.

BINKLEY, A felicidade e o programa de governamentalidade neoliberal. In: FILHO, J. F. (Org). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FVG, 2010, p.83-104.

BRUCKNER, P. *A euforia perpétua*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

CARVALHO, C. S. *O consumo e a representação da felicidade em 40 anos de propaganda brasileira*. 167 f. 2010. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2010.

COSTA, F., JUNGES. M. Capitalização, estetização, realização. Corporalidades e a modelagem de si, *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, ano XIV, n.456, p.14-17. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5715&secao=456>. Acesso em 15 set 2016.

CORACINI, M. J. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

DELEUZE, G. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.

FERNANDES, C. A. A noção de Enunciado em Foucault e sua atualidade na AD. In: _____. SANTOS, J. B. C. (orgs.). *Percursos da Análise do Discurso no Brasil*. São Carlos: Claraluz, 2007, p.47-68.

FERRAZ, M. C. F. Reconfigurações do público e do privado: mutações da sociedade tecnológica contemporânea, *Famecos*, Porto Alegre, n.15, ago. 2001. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3118/2391>>. Acesso em: 03. nov. 2013.

FOUCAULT, M. Sexualidade e solidão. In: _____. *Ética, sexualidade, política*. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.92-103. (Coleção Ditos e Escritos, v.V).

_____. Sobre as maneiras de escrever a história. In: _____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Trad. Elisa Monteiro.

Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p.62-77 (Coleção Ditos e Escritos, v.II).

_____. *A ordem do discurso*. 19. ed. Ed. M. J. Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FRANÇA, V. V. “A felicidade ao seu alcance”: que felicidade, e ao alcance de quem? In: FILHO, J. F. (Org). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FVG, 2010, p. 213-226.

FREIRE FILHO, J. F. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo pessoas “cronicamente felizes”. In: _____. (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FVG, 2010, p. 49-82.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In:_____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.143-179.

HARA, T. *Ensaio sobre a singularidade*. São Paulo Intermeios; Londrina: Kan Editora, 2012.

LEONI. *É proibido sofrer*. Disponível em: <<https://letras.mus.br/leoni/1346029/>>. Acesso em: 07. jan. 2016.

LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal: ensaios sobre a sociedade de hiperconsumismo*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARTINO, L. M. S. *Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis: Vozes, 2015.

McMOHAN, D. M. *Felicidade, uma história*. São Paulo: Globo, 2006.

MILANEZ, N. O corpo-objeto e outros corpos materialidades audiovisuais de zumbis. In: TASSO, I.; SILVA, E. *Línguas(gens) em discurso: a formação dos objetos*. Campinas: Pontes Editores, 2014, p. 165-189 (Coleção Linguagem e Sociedade, v.7).

NAVARRO, P. Discurso, História e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia. In: TASSO, I. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: interfaces entre língua(gens), identidade e memória*. São Carlos: Claraluz, 2008, p.59-74.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos – ou como filosofar com um martelo*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* Campinas: UNICAMP, 1988.

_____. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

ROLNIK, S. Taxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, D. (Org.). *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus, 1997. p.45-57.

SARGENTINI, V. A descontinuidade da história: a emergência do sujeito no arquivo. In: _____; NAVARRO-BARBOSA. (Orgs.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, p.76-96.

SÓFOCLES. Felicidade. In: GIANNETTI, E. *O livro das citações: um breviário de ideias replicantes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.150-151.

STRATERN, P. *Foucault em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.